



## DIRECIONAMENTOS NO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO PLANO DE AULA DE GEOGRAFIA

Eixo-temático: Profissão docente e formação de professores

Thiago Calheiros Dantas<sup>1</sup>  
 [Thiagocalheirosdantas@gmail.com]  
 Marys Cenailha Freitas Costa Balbino<sup>2</sup>  
 [mary\_lady2006@hotmail.com]  
 Ana Paula Teodoro dos Santos<sup>3</sup>  
 [anapaula\_uneal@hotmail.com]  
 Tamyris da Silva Farias<sup>3</sup>  
 [tamyris.farias@hotmail.com]

**Resumo:** O artigo analisa quarenta e quatro planos de aula produzidos por treze professores de Geografia, onde ministram suas aulas nas cidades de Arapiraca, Delmiro Golveia, Pilar, Palmeira dos Índios e Maceió. As cidades estão situadas no estado de Alagoas. O objetivo deste artigo é perceber como os professores promovem o processo de avaliação na construção dos seus planos de aula, podendo contribuir no planejar de suas práticas para uma perspectiva social da Geografia. Utiliza-se, além dos planos de aula, as narrativas dos professores, que também foram coletadas via e-mail e redes sociais, aproximando-se ao máximo da realidade das escolas no que se refere ao planejamento e ao processo de avaliação. Destaca-se que muitos planejamentos revelaram os processos de avaliação voltados uma Geografia ligada à leitura e descrição das paisagens, poucos foram aqueles que em seus objetivos e metodologia priorizavam o entendimento do espaço geográfico.

**Palavras-chave:** Plano de aula. Avaliação e Ensino de Geografia.

### 1 – INTRODUÇÃO

O estudo pode ser idealizado a partir de uma atividade prática desenvolvida na disciplina Planejamento educacional e avaliação da aprendizagem, presente na matriz

---

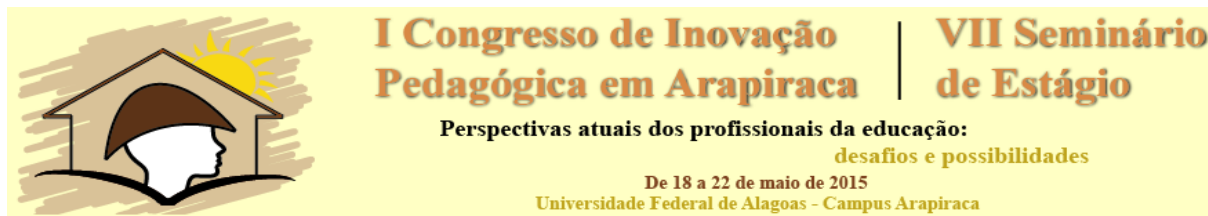
\* Este trabalho é fruto de artigo desenvolvido na disciplina Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem, do Curso de Especialização em Ensino de Geografia, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, orientado pela Prof<sup>a</sup> Msc Ana Paula Teodoro dos Santos.

<sup>1</sup> Graduado em Geografia licenciatura e estudante da especialização em Ensino de Geografia - UFAL/IGDEMA, atuando como professor de Geografia no ensino fundamental, médio e técnico.

<sup>2</sup> Graduada em Geografia licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Pós-graduada em Gestão Educacional pelo Centro de Ensino Superior Arcaño Mikael de Arapiraca – CESAMA, Graduada de Pedagogia na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, e estudante da Especialização no ensino de Geografia Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

<sup>3</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; docente do Curso de Especialização em Ensino de Geografia, da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>3</sup> Graduada em Química Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus Arapiraca.



curricular da especialização em Ensino de Geografia ofertado pelo Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente.

A atividade prática consistiu na elaboração de um artigo voltado ao processo de planejamento e a construção de planos de aula de Geografia. A finalização do artigo solicitado pela disciplina da especialização criou condições teóricas para que fossem solicitados dos professores de Geografia seus planos de aula, promovendo a construção deste estudo, o qual sugere alguns direcionamentos sobre os seus planos.

O problema em estudo pode ser identificado durante a leitura dos planos de aula e narrativas de alguns graduandos e professores de Geografia. As narrativas alegam a dificuldade dos professores em registrar nos planejamentos a sua prática, porque, segundo os professores entrevistados, isso demanda tempo e a maioria trabalha em duas ou três escolas.

Então, o estudo faz alguns direcionamentos sobre os planos de aula seguindo a indagação adiante: há possibilidade de construir um plano de aula livre de exageros, que se proponha estudar o espaço e que oriente o processo de aprendizagem?

Sabendo da indisponibilidade e dificuldade no preenchimento dos planos de aula, busca-se, neste estudo, caminhos, direcionamentos, que orientem a construção dos planos de aula de uma forma mais objetiva e que se relacione diretamente a Geografia, obviamente sem deixar de planejar.

Sobre a construção de exaustivos planos constatou-se um com cinco laudas e o que mais surpreendeu foi a quantidade de sub-tópicos exigidos por algumas escolas, exaustivo.

O artigo revela as estratégias, temas, usadas nas aulas dos professores de Geografia, e alguns apontamentos, para que os planos de aulas sejam voltados ao entendimento do espaço geográfico e não representem apenas o cumprimento da burocracia escolar.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

Este artigo é de natureza qualitativa e tem o objetivo de analisar quarenta e quatro planos de aula feitos por professores de Geografia e graduandos, revelando os recortes realizados sobre os conteúdos e o que eles sabem ou entendem sobre o processo de avaliação, podendo fazer alguns apontamentos sobre o processo de avaliação e planejamento.



A análise dos planos de aula pode ser executada através do contato com treze professores de Geografia via redes sociais e *emails*, estão na ativa, sendo eles graduados ou terminando o curso de Licenciatura em Geografia.

Justifica-se o uso do plano de aula porque é a partir dele que o professor tem a autonomia de direcionar os conteúdos, realizando recortes, voltados à leitura e interpretação do espaço.

As escolas onde as aulas correspondentes aos planos de aula foram ministradas estão situadas em Maceió, Palmeira dos Índios, Igaci, Pilar, Arapiraca, Penedo e Delmiro Gouveia.

Opta-se pelos planos de aula de escolas diferentes e em cidades diferentes, na intenção de ser constatado ou não que a dificuldade de orientar a prática do professor de Geografia, através do plano de aula, não está só para a capital do Estado de Alagoas.

Entende-se que a análise dos planos de aula permita que sejam percebidas as diferentes abordagens e recortes realizados pelos professores de Geografia e a maneira com que executam o processo de avaliação.

Compreende-se o conceito de espaço geográfico a partir das afirmações de Santos (1985, p.55) "o espaço formado por um sistema de objetos e um sistema de ações", porque permite que seja considerada a história da sociedade e suas transformações, o movimento.

Utilizam-se tanto os planos de aula do ensino fundamental II, quanto os do médio, porque os conteúdos se repetem nas matrizes curriculares do ensino fundamental e médio, sendo construído pelo professor de Geografia no sexto ano, discutidos no decorrer do fundamental II e (re)visto nos últimos três anos do ensino básico.

Alerta-se que o tempo usado para a coleta dos dados, planos de aula e narrativas, pode ser otimizado devido o uso dos emails e das redes sociais, durando dois dias.

Empregam-se no texto as nomenclaturas "P1" e "P2", porque são utilizadas narrativas de professores de Geografia e graduandos, prezando-se a não identificação deles. Já as narrativas dos professores foram digitalizadas na função *itálicas para dar ênfase aos fragmentos de texto selecionados*.

O plano de aula é compreendido como uma das possibilidades de orientar a prática do professor, obviamente, através da compreensão do espaço geográfico, da realização de recortes sobre os conteúdos e da construção de objetivos que promovam a aprendizagem e uma formação cidadã.



O processo de construção do planejamento é a possibilidade que o professor tem de orientar sua prática através de um conjunto de objetivos que podem ser alcançados ou não, falando-se a curto médio e longo prazo.

Os planejamentos construídos pelo docente devem ser integrados, isto é, o plano de aula é correlacionado ao plano de unidade e o plano de curso, seguindo parâmetros. Podendo citar alguns parâmetros como: a LDB ou os parâmetros curriculares nacionais.

Destaca-se que o professor tem autonomia de fazer os recortes sobre os conteúdos que serão explorados nas aulas, no seu planejamento, trazer discussões voltadas ao movimento da sociedade e, sobretudo, o professor de Geografia deve levar o alunado a compreender a dinâmica do espaço geográfico.

A prática do professor deve ser integrada tanto pelo planejamento quanto pela avaliação, fala-se da avaliação no sentido pleno da palavra. A avaliação enquanto um repensar de sua prática, técnica, e das atitudes em suas vivências, ampliando e promovendo o processo de aprendizagem.

Segundo Teixeira (2005, p. 03) "a responsabilidade do mestre é imensa. Grande parte da eficácia de seu ensino depende da organicidade, coerência e flexibilidade de seu planejamento", isto é, o professor é o grande agente que constrói o planejamento com coerência e enseja a construção de conhecimento, possibilitando ao aluno aprender com ele e vice-versa.

A prática do planejamento deve ser estimulada nos espaços da escola, das empresas e da vida. O planejamento, na escola, e neste caso, nas aulas de Geografia, deve ser orientado através dos conteúdos e práticas que serão executadas pelo docente para com o discente.

O professor deve estar ciente que muitas vezes sua prática, mediada pelo planejamento, pode não ser executada conforme o que foi pensado. A escola e outros ambientes que envolvam a questão socioeducativas em muitos casos não conseguem disponibilizar, por algum motivo, os equipamentos necessários, ou seja, pensados pelo professor no seu planejamento, porém a ausência de alguns equipamentos não deve ser encarado como o encerramento das aulas ou um motivo para que o professor entre numa espécie de depressão pré-aula.



O professor deve aprender a lidar com o processo de frustração, porém não pode encerrar sua prática por causa deste sentimento em relação à ausência de alguns materiais que deveriam ser utilizados em suas atividades.

Percebe-se através de Penteadó (2003, p.02-03) que "planejar, também, implica conhecer limitações e possibilidades", isto é, as atitudes do professor voltadas a efetivação do seu plano de aula deve contar com dificuldade de acesso a alguns materiais didático e a ineficácia de alguns caminhos selecionados pelo professor em relação a sua prática.

O autor não deseja que o professor acomode-se e aceite a frustração, mas que estimulem um fazer pedagógico voltado as possibilidades que a escola possui. Percebendo-se que o método escolhido não determina o aprendizado, porque o que mais importa não é o caminho escolhido e, sim, o conjunto de conhecimentos, valores e os objetivos alcançados, independente se ele utilizar vídeo, desenho, charge ou um *software* para orientar o raciocínio geográfico.

O olhar crítico sobre o processo de planejamento pode nos levar a perceber o que afirma Luckesi (2003, p.04) "o ato de planejar é a atividade intencional pela qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los. Por isso, não é neutro, mas ideologicamente comprometido", logo, o planejamento, o plano de aula de Geografia, deve ser pensado seguindo a prática do professor e não pode ser pensada apenas descrevendo as formas, a paisagem.

A ciência geográfica discutida nas escolas não deve estar conectada apenas a descrição das paisagens, o domínio do visível. O professor de Geografia e o alunado tem que compreender o espaço geográfico e o movimento que a sociedade promove (re) construindo.

Outro ponto importante a ser aprendido nas escolas que se propõem a ensinar Geografia são os contextos, junto às relações presentes no espaço. O espaço possui suas características distintas que se integram e constroem as especificidades, arranjos, em seus vários lugares e paisagens.

O professor de Geografia deve se preocupar em explicar o espaço geográfico e entendê-lo em sua gênese, o movimento que a sociedade provoca, ou seja, o seu *animus*.

Sobre o que os geógrafos devem se preocupar



[...] devem centralizar nossas preocupações em torno da categoria - espaço - tal qual ele se apresenta, como um produto histórico. São os fatos referentes à gênese, ao funcionamento e a evolução do espaço que nos interessam em primeiro lugar (SANTOS, 2012, p.147).

O professor de Geografia deve também estar preocupado na sua prática em compreender o espaço, mediando os processos de avaliação e planejamento. O que é importante para o professor de Geografia é entender o espaço geográfico e permitir que o alunado também o compreenda através da prática docente.

O professor pode amplificar a aprendizagem sobre o espaço e torná-la lúdica ao utilizar mecanismos como: vídeo, as redes sociais, fotografias, desenhos, charges, tirinhas, textos, como cordel, a poesia e a músicas, fazendo o aluno ter estímulo para a aprendizagem.

Logo, o professor deve ter a sensibilidade de selecionar os melhores mecanismos para que o aluno possa entender o que está sendo conversado durante a aula, levando os mesmos a compreender o movimento do mundo.

O aluno que compreende o conteúdo e o percebe em suas vivências pode se tornar um agente multiplicador do saber e do aprender.

O ensinar não permite que o professor apenas transfira conhecimentos, ou seja, o saber ensinar é

Criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção. Quando entro numa sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, as suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p.47).

As possibilidades, mecanismos, para que o ensinar aconteça, junto a aprendizagem é necessário que discente esteja atento para as inquietações dos alunos, suas necessidades, e interesses. O professor deve estar integrado ao espaço que ocupa e as pessoas que o envolve, aquelas que participando de sua prática.

O processo de ensino-aprendizagem da Geografia deve incorporar e estimular o diálogo, na relação professor-aluno, e a integração da comunidade escolar, ou seja, aquela onde a escola está inserida, permitindo que os discentes possam perceber a Geografia presente no seu cotidiano.

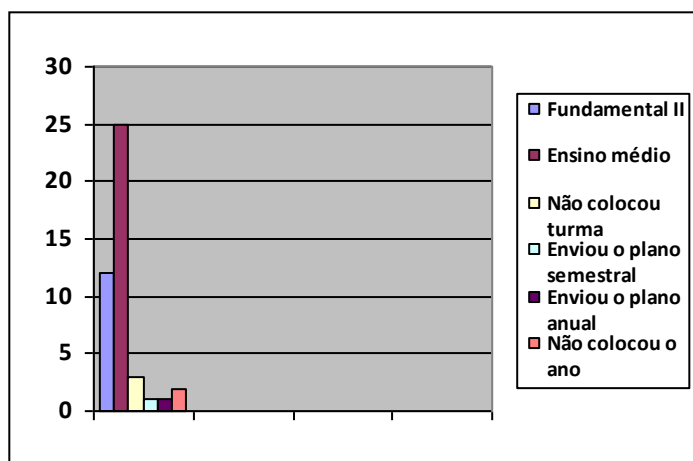


Portanto, a ludicidade, o planejamento e a avaliação, constante na prática do professor e do aluno, são fatores que devem ser considerados no processo de aprendizagem na escola, provocando a curiosidade sobre o espaço geográfico, suas especificidades e respeitando a pessoa humana.

Os planos de aula de Geografia utilizados neste estudo são os registros das práticas já executadas pelos graduandos e professores.

Conta-se com vinte professores que enviaram quarenta e quatro planos de aula, sendo vinte planos do ensino fundamental II, vinte e quatro do ensino médio. Destaca-se que três professores não registraram no planejamento a turma onde iriam ministrar a aulas, um não redigiu o ano, um enviou o plano semestral e outro enviou o plano anual, conforme o gráfico 1 adiante.

Gráfico 1 - Quantidade de planejamentos coletados por ano do ensino fundamental II e médio



Fonte: Dados obtidos durante a pesquisa de DANTAS, Thiago Calheiros (2014).

Constata-se que algumas escolas não exigem a produção dos planos de aula através de algumas narrativas, recebida via e-mail, sendo selecionada uma delas como figurativa enviada por "P1", como podendo ser lida adiante: *"Nobre, infelizmente só tenho esses. E informo que são anuais. Nas escolas onde trabalhei (2 públicas e 1 particular) não foi solicitado planejamento semestrais, ou semanais. Apenas o anual"*, logo, a prática de construir planos de aula não é presente em todas as escolas de Alagoas e o professor tende a orientar sua prática





seguindo suas experiências anteriores, quando as tem, já que alguns são graduandos e muitos ainda estão selecionando e construindo suas estratégias.

A leitura realizada sobre os planos de aula permite revelar também os conteúdos abordados pelos professores, daqueles que enviaram os planos, o volume de informações solicitadas pelas escolas, para que os discentes registrem como ocorrem as atividades que desenvolvem durante as aulas, junto aos processos de avaliação que realizam.

Os temas registrados nos planos de aula são variados podendo citar alguns adiante: *Os fluxos migratórios e a estrutura da população, América Latina; África, Organização da apresentação do projeto Bullying, Neoliberalismo, Formação do povo brasileiro, A função dos Blocos Econômicos na Globalização atual, Brasil no Mundo Globalizado, Características Demográficas da População da América, Guerra Fria e o Mundo Bipolar, Brasil: Posição Geográfica e Localização, Agentes Internos do Relevo: Vulcanismo, Coordenadas geográficas, paralelos e meridianos e a ocorrência dos fusos horários, Conceitos chaves da Geografia: Paisagem, O que é Geografia? Curiosidades Geográficas, Tipos de Mapas e o que é cartografia e As características naturais do Japão.*

Destaca-se que não foram citados todos os temas encontrados nos planos de aula porque alguns possuem abordagens muito parecidas, não sendo necessário citar todos na íntegra.

No que se referem aos títulos, presentes nos planos de aula, eles destacam questões voltadas à urbanização, formação do território brasileiro, problemas ambientais, demografia e cartografia.

Alerta-se que poucos são os planos que em seus objetivos preocupam-se em compreender o espaço enquanto movimento da sociedade e consegue fazer uma relação com o real, o mundo do presente.

Alguns planos de aula destacam, por exemplo, um pensamento preocupado na descrição das paisagens e explicam apenas curiosidades sobre a formação da Terra, a formação dos vulcões, a dinâmica física dos rios, o clima de algumas regiões do Brasil, os agentes internos do relevo e cálculos voltados a escala, voltando-se para matemática.

Outros planos mostram exemplos claros que dão prioridade a descrição dos fenômenos físicos em seus objetivos e conteúdos, podendo citar: *entender a dinâmica interna da terra mediante a expulsão do magma do interior para a superfície; caracterizar todas as partes*





que compõem um vulcão; entender como se dá a formação de um vulcão e a distribuição dos diversos vulcões pelo globo (objetivos).

Já em relação aos conteúdos: *Agentes Internos do Relevo: Tectonismo; Agentes Internos do Relevo: Abalos Sísmicos.*

O que está sendo discutido não é priorizar o que alguns geógrafos chamam de Geografia física e Geografia humana, mas deixar claro que o objeto de análise desta ciência é o espaço geográfico. Logo, compreende-se como um reducionismo dividir esta celebre ciência em tantas e outras geografias.

Logo, pode ser deduzido que a dificuldade de tornar geográfico os conteúdos, desenvolvendo práticas, objetivos e recortes sobre os conteúdos que levem o alunado a compreender a (re)construção que a sociedade provoca no espaço, explica a não conexidade de alguns planos com questões sociais.

As aulas de Geografia devem promover a leitura e interpretação do espaço, logo, espera-se que seja ensinado.

se ensine Geografia, mas o que ensinar? Existe um número quase infinito de temas, tópicos, conteúdos e técnicas que podem ser objeto de abordagem. No entanto, importa distinguir no seio destes os que realmente são fundamentais à educação geográfica, isto é, aqueles que, com maior eficácia, sejam capazes de desenvolver nos alunos a competência de “saber pensar o espaço” para de forma consciente poderem agir no meio em que vivem.” (MELLO *apud* CACHINHO 2012, p.27).

Os conteúdos de Geografia tem que explorar tanto características físicas, quanto sociais, afinal o espaço é um conjunto de sistema de ações e objetos. Os objetos podem ser naturais ou artificiais (humanizados) e as ações, transformando a natureza através do trabalho, são mediadas pelos homens. Logo, o espaço é construído pela sociedade que o anima e requer também que conheçamos sua natureza primeira, a natural junto ao movimento que a sociedade provoca.

A Geografia não é uma ciência de um pensamento unilateral, físico ou sociológico, ela busca compreender o seu objeto de análise, o espaço geográfico, e requer que os licenciados e bacharéis em Geografia aprendam o seu significado.



A Geografia não pode ser reduzida apenas a dados matemáticos, físicos, naturais, ou estritamente locais, porque o mundo do presente em seus contextos não permite que tenhamos esse comodismo, afinal o espaço é complexo, possui suas especificidades e relações.

O ensino de Geografia tem que priorizar o entendimento sobre o espaço geográfico e suas relações, sem desconsiderar suas categorias de análise e escalas de pensamento.

A Geografia compreendida na escola tem que ser orientada através de planejamentos, pensados pelo professor, inicialmente, revelando o movimento da sociedade e suas transformações, gênese.

Sobre o conhecimento geográfico disseminado nas escolas afirma Calvalcanti (1998, p.11) que "é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais".

A professora, que é muito preocupada com o ensino de Geografia, reconhece também que o espaço geográfico permite que o alunado e o professor possam construir um conhecimento que contribua para uma formação cidadã, social.

Afirma Santos (2012, p.261) que "a construção do espaço é obra da sociedade em sua marcha histórica e ininterrupta", deixando claro que o sistema de ações e objetos sociais são criados pelos homens e permitam que a sociedade se relacione e construa novos espaços, partindo da transformação da natureza, o trabalho.

O espaço está em constante transformação, seja por influências locais-locais ou locais-globais e vice-versa. A Geografia ensinada nas escolas deve acompanhar o movimento do espaço e ser analisada considerando suas categorias: a paisagem, o lugar, o território e a região.

As categorias permitem que o alunado, junto ao professor, partam, por exemplo, de discussões na sala de aula sobre as relações voltadas a forma-conteúdo, do visível (paisagem); estabeleça uma percepção voltada as relações do pertencimento ou entendam as imposições do mundo (lugar); identifiquem as relações de poder firmadas pelas empresas, Estado e os homens (território) e compreendam as características comuns presentes nos sub-espacos, isto é, os docentes e discentes entendem que as ações humanas transformam a natureza podendo o espaço obedecer um criterio de planejamento, citando os diferentes planejamentos urbanos, numa questão político administrativa (região), não sendo necessário seguir esta sequência.



Os caminhos trilhados como um momento da avaliação foram também entendidos, destacando-se: letras de música, leitura, mapas, lousa digital, planiférios e globos, o uso de datas show, construção de maquetes, produção de cartazes, testes, jornais, fotos, vídeos, o livro didático, quadro, caixas de som, o piloto, fragmentos de texto, produtos com marcas internacionais, caderno, tintas e canetas.

Os professores usam um conjunto de materiais para viabilizar a compreensão sobre os conteúdos que estão sendo recortados e discutidos nas salas de aula, tornando lúdica a aprendizagem. O que mais chama a atenção na listagem dos caminhos é que os discentes utilizam desde uma caneta como um recurso até a lousa digital.

Compreende-se que a realidade de cada escola é diferente, no que se refere ao acesso dos recursos digitais e materiais como tintas e cartolinas. As escolas devem promover que os professores tenham direito de uso sobre esses equipamentos digitais ou outros menos complexos, permitindo que o alunado possa desenvolver habilidades psicomotoras de forma lúdica.

Os professores, nos planos de aula, mensuram pontuações para as atividades que compõem o processo de avaliação, totalizando as médias que permitem que o alunado seja aprovado ou não para próxima série ou ano, podendo citar dez ou quinze pontos.

Outros professores destacam momentos de orientação voltados a projetos pedagógicos que possibilitam integrar toda a escola. Destaca-se que os projetos tiveram suas culminâncias na execução de feiras de ciências e exposições, como por exemplo, o projeto sobre *bullying*, citado em um dos planejamentos.

As orientações para o projeto *bullying* puderam ser realizadas com indicações de texto e debates de vídeos por um dos professores de Geografia.

Outra constatação sobre os planos de aula são o conjunto de sub-tópicos que devem ser preenchidos pelo professor, podendo ser lidos adiante: *curso, tempo, professor, tema da aula, objetivo geral, objetivo específico, estratégias, semana, motivação, estrutura do conteúdo a ser trabalhado, cronograma, justificativa, conteúdos, estratégias/metodologia, recursos, avaliação, referências, identificação, ano, grau, ano letivo, número de alunos, número de turmas, número de aulas, data e carga horária semanal.*

Os sub-tópicos citados são os que foram encontrados nos planos de aula e as escolas exigem dos professores o preenchimento.



Os sub-tópicos, que não são poucos, infelizmente, não trazem o por quê dos alunos terem que aprender os conteúdos da ciência geográfica ou qual a finalidade deles em relação ao seu papel enquanto cidadãos do mundo.

Concebe-se que no momento da construção do planejamento o professor e as coordenações pedagógicas devem se preocupar com as estratégias, os meios, claro, mas também com o conjunto de valores éticos e morais necessários no processo educativo, presentes nos conteúdos de Geografia ou de qualquer outra disciplina escolar estudada.

Alerta-se que

Já não basta - e nunca bastou - pensar nos meios, nas técnicas e na sofisticação dos recursos tecnológicos. Eles são necessários, mas como meios. Toma-se premente aprender a meditar sobre os fins e os valores que devem orientar a Educação. E, então, os meios serão selecionados tendo em vista os fins. Necessitamos de eficiência; não eficiência para qualquer finalidade, mas eficiência que nos auxilie a dar conta das perspectivas de vida sadia para os seres humanos. (LUCKESI, 2003, p.10).

Concebe-se que a escola tem que ser o espaço da aprendizagem, do saber, da tecnologia inovadora e o lugar que permita ao alunado melhorar sua relação interpessoal, mas também é onde a solidariedade, a curiosidade, o diálogo, o respeito a pessoa humana e a humildade se realizar, do contrário, a escola não conseguirá atingir duas de suas primorosas funções. A primeira é possibilitar que as pessoas possam viver bem no mundo consigo e com os outros e a segunda é promover aprendizagem.

Parafaseando as narrativas dos professores, eles questionam nos textos enviados por e-mail a quantidade exaustiva de planejamentos que as escolas exigem.

Os professores também fizeram relatos que em alguns momentos tivera, que escolher entre preencher os planejamentos, neste caso formulário, ou construir sua prática, isto é, selecionar textos, músicas, garimpar materiais nas papelarias para construir maquetes, enfim.

Os professores disseram também que o planejamento vai além de preencher formulários, levando tempo e estudo, porém, infelizmente, tiveram que preencher os formulários para cumprir a burocracia da escola.



### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os planejamentos analisados puderam evidenciar os momentos do processo de avaliação, estratégias, os tópicos selecionados para construção de um plano de aula, a preocupação dos professores sobre o desenvolvimento de habilidades voltadas a oralidade dos estudantes, com seminários, a produção de texto, redações, poesias e cordel, e o desenvolvimento da motricidade e noções de espaço, usando desenhos e maquetes.

Sobre os planejamentos analisados neste estudo, poucos trouxeram em seus objetivos e estratégias caminhos que levassem o alunado a entender o espaço, o movimento da sociedade, suas ações e objetos, a forma como transformam a natureza em seu cotidiano.

As estratégias, os objetivos e o processo de avaliação em Geografia tem que estimular que o alunado entendam o espaço e suas categorias: a paisagem, o lugar, o território e a região. Do contrário, o alunado não entenderá o que significa o espaço e podem deturpar conceitos e temas, considerando que eles poderão desenvolver dificuldade de relacionar a importância da Geografia para o seu cotidiano.

Por tanto, a importância da construção do planejamento é extrema, porque o professor tem a possibilidade de orientar sua prática através de seus objetivos e estratégias e, caso sua prática não dê certo, pode, numa próxima experiência, minimizar os erros cometidos e aperfeiçoar o seu fazer geográfico na escola.



#### 4 – REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia escolar e a construção de conhecimentos**. 10 ed. São Paulo: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39° ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e necessária determinação ideológica**. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_15\\_p115-125\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_15_p115-125_c.pdf). Acesso em: 05 de dezembro de 2014.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **Uma aproximação à Didática do ensino de Geografia**. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/47174>. Acesso em: 05 de dezembro de 2014.

PENTEADO, Valéria de Souza. **Plano de curso, plano de ensino ou plano de aula, que planejamento é esse?** Disponível em: <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Educacao/eixo1/11valeriadesouzapenteado.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da geografia a geografia crítica**. 6° ed. Edup: São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo: globalização e meio técnico-científico informacio- nal**. Edup: São Paulo, 1985.

TEIXEIRA, Gilberto. **Planejamento educacional e planejamento do ensino**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABRNAAF/didatica-planejamento-educacional-planejamento-ensino>. Acesso em: 05 de dezembro de 2014.